

Funaro defende sua linha de negociação

7 MAI 1987

GAZETA MERCANTIL

por Cláudia Safatle
de Brasília

No depoimento que fez ontem na Comissão da Dívida Externa, no Senado Federal, o ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro, deixou um importante recado aos negociadores da dívida externa, que, "se mudássemos de linha, hoje, seria muito barata a queda de um ministro. Mesmo que um ministro saia, o outro continua a mesma postura, porque é a Nação que continua".

Funaro gastou mais de duas horas para discutir a posição que adotou ante os credores internacionais, reforçou a necessidade de se manter o País livre do monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI) e sugeriu uma sessão secreta da Comissão para que ele possa colocar com maiores detalhes, aos parlamentares, a estratégia que pretendia perseguir no refinanciamento dos juros e principal da dívida, sem que isso prejudicasse o andamento das negociações a partir de agora.

"Não é o crescimento pelo crescimento, não é o crescimento a qualquer

custo que estamos defendendo, mas o crescimento econômico para que o País não perca a chance de ser uma nação industrializada. O que estamos negociando não são só bilhões de dólares, mas o futuro da Nação", reiterou o ex-ministro numa referência à tese do novo ministro, Luiz Carlos Bresser Pereira, que defende, para este ano, uma moderação da taxa de crescimento econômico para 3 a 3,5%.

No bojo de uma política de crescimento moderado, o novo ministro pretende um saldo comercial de US\$ 8 bilhões para este ano, cifra que fazia parte dos planos da gestão anterior. Mais do que isso, na situação atual, seria desaconselhável, disse Funaro. "Não temos o direito de exigir da sociedade brasileira o superávit da fome", assina-
lou.

Funaro informou aos senadores que os dados de que dispunha até o dia de sua demissão indicavam uma boa recuperação da balança comercial em abril passado, período em que cerca de US\$ 800 milhões a US\$ 1 bilhão foram fechados em contratos de câmbio, preconizando um

superávit comercial mais gordo do que o dos últimos meses. Com o superávit de abril seria possível aumentar um pouco as reservas cambiais, que estavam cravadas em US\$ 3,4 bilhões até o dia da saída de Funaro. Uma situação, segundo o ex-ministro, que permite uma "renegociação sem medo".

Em entrevista, ontem, o ex-presidente do IBGE, Edmar Bacha, disse que o governo deveria tentar um acordo com o FMI, desde que este concorde em metas realistas de inflação; preserve o crescimento econômico; e garanta recursos novos no valor de US\$ 4,3 bilhões, conforme relato do editor Guilherme Barros, do Rio.

O senador Virgílio Távara, do PDS do Ceará, colocou em dúvida os dados de Funaro sobre as reservas cambiais e disse que não diria mais sobre o assunto "numa sessão pública". Funaro, em resposta, disse que fazia questão de discutir esse assunto em sessão pública, pois a insinuação de que o País estava quebrado era "uma colocação de maus brasileiros".

(Ver página 23)